

# Soros critica alta de juros no Brasil

PARIS – Se o Brasil não quiser entrar numa profunda recessão, deve reduzir urgentemente suas taxas de juros. O alerta foi dado ontem pelo multibilionário investidor George Soros, durante conferência via satélite para uma platéia de financistas franceses, organizada pela revista parisiense *L'Expansion*. Soros criticou o Fundo Monetário Internacional (FMI) por sugerir que o governo brasileiro usasse os juros para evitar especulação com o dólar, após permitir a livre flutuação do real na última sexta-feira. Para o investidor húngaro naturalizado americano, “os juros ainda estão altos demais”.

“Penso que foi o FMI que estimulou o Brasil a elevar as taxas, e este não é um bom conselho”, disse Soros à platéia, enquanto no mercado brasileiro as taxas de juros futuros para março saltavam dos 42,5% da véspera para 48%. “A menos que a confiança retorne e as taxas de juros diminuam, o Brasil entrará numa grave recessão”, acrescentou, ainda sem saber da nova elevação dos juros.

**Novo eixo da crise** – Segundo Soros, no entanto, a próxima grande ameaça para a cambaleante economia mundial não virá do Brasil, e sim dos próprios mercados financeiros dos países mais desenvolvidos.

“Já é possível detectar a formação de uma ‘bolha de ativos’, semelhante àquela que o Japão teve nos anos 80. Isso é o que eu considero a próxima grande ameaça para o sistema (financeiro global)”, disse Soros, ratificando o discurso de quarta-feira do presidente do Federal Reserve (Fed, banco central americano), Alan Greenspan, para quem os preços das ações de empresas dos Estados Unidos atingiram um patamar estratosférico, totalmente fora da realidade das expectativas de lucros.

A “bolha” japonesa a que se referiu Soros foi o fenômeno de acumulação desenfreada de capitais por grandes companhias do Japão, que embarcaram numa ciranda especulativa em meados dos anos 80. As corporações surgidas na época, que chegaram a ensaiar uma *invasão* aos Estados Unidos através de fusões e aquisições, incharam até o colapso econômico do início dos anos 90, quando a recessão deu início a uma onda de quebras e provocou o surgimento de um oceano de empréstimos irrecuperáveis, do qual até hoje o Japão continua tentando se livrar, sem sucesso.

**Efeitos distintos** – Para Soros, a atual “bolha financeira” dos países centrais está se desenvolvendo porque a crise econômica mundial nos últimos dois anos vem afetando duramente os países periféricos, mas ao mesmo tempo, traz ganhos enormes para as economias capitalistas centrais, através, por exemplo, dos baixos preços de *commodities* e dos produtos importados em geral.

“Os consumidores americanos estão hoje (...) gastando mais do que ganham. É um mundo maravilhoso, mas não pode durar para sempre”, avisou o criador do Soros Fund Management, que administra US\$ 16 bilhões em investimentos em derivativos.

**Fundamentalistas** – De acordo com Soros, toda a turbulência que abalou as economias asiáticas, e posteriormente a Rússia e a América Latina, ilustra os perigos do “fundamentalismo do livre mercado”.

“Diziam que o comunismo tinha uma base científica, com Marx. O fundamentalismo do mercado também tem uma suposta base científica. Penso que ela é falsa”, disse o investidor, que considera a crença na perfeição do mercado “uma ideologia falsa e perigosa”.

A globalização financeira, afirmou Soros, veio num cenário mundial em que não havia supervisão supranacional. “Temos sistemas políticos que são nacionais e mercados financeiros que são globais”, disse o investidor, que defendeu um novo papel para o FMI, no qual o Fundo atuaria como uma espécie de banco central planetário, com poderes para atuar preventivamente na estabilização das economias nacionais.